



Conhecimento e Arte

“A criatura sobe pelo elevador e chega no sofisticado apartamento do criador. O criador não se espanta. A criatura, belo replicante do sexo masculino, lhe pede: *eu quero mais vida, Pai...* O criador explica, paternal, que alterações em sistemas orgânicos são fatais. Uma vez estabelecida, a sequência codificada não pode ser modificada. A criatura pergunta, por quê?

Porque, responde gentilmente o criador, no segundo dia de incubação as células modificadas promovem crescimento de colônias, como ratos abandonando o navio. E o navio afunda. O replicante, então, sugere uma recombinação com etilmetasulfônico. O criador explica, já foi tentado. O vírus secundário gerado mostrou-se letal, matando o paciente antes mesmo de sair da mesa de operação. A criatura, angustiada com o seu tempo se esgotando, contrapõe com a possibilidade de uma proteína repressora que bloqueie a duplicação das células. O criador reconhece que a idéia é brilhante, mas não daria certo. Geraria uma replicação errada. A nova cadeia de DNA provocaria uma mutação que geraria outro vírus letal. A criatura se cala.

O criador, comovido, diz que tudo isso é acadêmico e procura abraçar sua criatura. A criatura, com um sorriso de desespero, aceita o abraço - para matar o criador com um leve aperto das mãos.”

A cena faz parte do filme *Blade runner*, de Ridley Scott. Os termos da cena pertencem às especulações da engenharia genética. O diálogo do criador com a criatura representa confronto de saberes que não se sabem, que não salvam a criatura – e não perdoam o criador.

O replicante quer *mais vida*, porque o seu tempo traz limite datado e próximo; exige isto do

Gustavo Bernardo*

Resumo:

O referente artigo apresenta a natureza da matéria e do indivíduo, levando em conta sua constituição e seu discurso. Nessa relação são abordadas as origens e a forma do conhecimento, com base em questões filosóficas e as suas respectivas interpretações oferecidas pelo pensamento de Kant, Deleuze e Barthes. Além disso, é descrita a interação entre cientista e artista, em contraposição ao homem cotidiano. Neste contexto insere-se o conceito de efeito-borboleta, que explica de certa forma a relação social intraindivíduos, uma tentativa de desmistificar as verdadeiras intenções naturais.

Palavras-chave: estreitas relações, Teoria da Literatura e a Teoria do Conhecimento

* Doutor em Literatura Comparada pela UERJ (1995) e professor da UERJ desde 1978, atualmente lecionando Teoria da Literatura no Instituto de Letras. Publicou alguns ensaios, como *Educação pelo argumento* (Rio: Rocco, 2000), *A dúvida de Flusser* (São Paulo: Globo, 2002) e *A ficção cética* (São Paulo: Annablume, 2004 [sai agora em agosto]), e alguns romances, como *Lúcia* (Rio: Relume Dumará, 1999) e *Desenho mudo* (São Paulo: Atual, 2002).
E-mail: gustavobernardo@terra.com.br.

criador, ou melhor, da ciência - mas a ciência não resolve o problema que ela mesma gerou. O criador, por sua vez, é o cientista que formulou o código genético completo dos andróides; como-se com o desejo do ser que foi além de toda programação porque quis mais, porque sentiu falta. Descarta a discussão técnica por *acadêmica*, quando se defronta com o tamanho da vontade do outro. Apenas, esta vontade era ainda maior do que podia ver, se havia o desespero trágico - e demasiado humano.

A cena de *Blade runner* é paralela àquela em que um monstro sem nome, mais tarde reconhecido pelo sobrenome do seu inventor, exulta ao matar com as mãos o irmão menor do Dr. Frankenstein: *Posso, eu também, criar o desespero!*¹ Os sentimentos (e ressentimentos) do monstro são postos no centro da narrativa de Shelley, assim como os sentimentos, os sonhos e os ressentimentos do andróide.²

O que se pode, e o que não se pode, conhecer; quem pode, e quem não pode, sonhar - estão postas as questões que aproximam (e afastam) a reflexão estética da especulação epistemológica; quando a literatura, quando a ciência; quando não basta(m).

A primeira carta do capitão Walton, no prólogo de *Frankenstein*, data de "11 de dezembro de 17..." - pouco antes do tempo das certezas positivistas, portanto.³ Adiante, firma-se o caçador de andróides; exterminador, a *posteriori*, do que extrapole as medidas (divinas?; naturais?). As certezas se abalam com passadas de criaturas angustiadas.

Descobre-se que a matéria deixa de ser sólida, ela apenas *parece* sólida. Seu aspecto, especula-se, deriva do confinamento dos elétrons em cada átomo, que por sua vez resulta em velocidades da ordem de 960 quilômetros por segundo. Esta velocidade faz com que o átomo se assemelhasse a uma esfera rígida, como a hélice girando muito rápido parece um disco. As conclusões da mecânica quântica, que lida exato com o infinitamente pequeno, não nos deixam mais afirmar que a matéria exista com certeza, mas, somente, que apresente *tendência* a existir. Há impossibilidade (atômica) de decompor o mundo em unidades menores dotadas de existência independente - no mínimo nível, tudo se encontraria dependente do ato de observação que *produz* o que se observa.

Se o objeto não se destaca do observador, contrariamente ao ideal cartesiano, repõe-se ênfase na responsabilidade moral do discurso (em especial, científico). Porque, na rubrica maior de qualquer demonstração, há que se delimitar com precisão o lugar que fala. Se nos perguntamos, por exemplo: *por que os pássaros fazem ninhos?*

Encontram-se três tipos de resposta: as finalísticas, que dizem *para*; as causais, que dizem *por causa*; e as formalistas, que dizem *como*. Logo: pássaros fazem ninhos *para neles guardarem ovos* - explicação I. Ou: pássaros fazem ninhos *por causa dos seus instintos* - explicação II. Ou, ainda: pássaros fazem ninhos em forma de *cones* - explicação III.

O tipo I de explicação, sem dúvida, é o mais satisfatório, dando sentido completo ao explicado - estabelece mesmo vontade subjacente ao fenômeno, quer dos pássaros (menos provável) quer de um ser superior e, portanto, necessário. Por sua vez, o tipo III será o menos satisfatório, porque elide futuro (finalidade) e passado (causa) - resume-se ao presente imediato. No entanto: a história do pensamento começa por explicações do tipo I, vê-se obrigada a abandoná-las em favor de explicações do tipo II, e, penosamente, estaria abandonando a causalidade em prol do formalismo.⁴

A história do pensamento passaria, desse modo, pela sucessão de explicações menos satisfatórias com o correr do tempo, se o próprio correr do tempo põe-se em questão. Os porquês, perseguidos, traem a curiosidade tanto da criança quanto do adulto, porque sob cada resposta emerge nova pergunta, encavalando-se ardis da razão. As explicações formalistas seriam menos satisfatórias para construir certezas, porém, talvez, adequadas para definir o presente.

"O vento é vento para mim, se eu lhe permitir ser vento. E se não lhe permitir, será movimento de ar, e não vento. Se não lhe permitir ser vento, será problema da aerodinâmica parcialmente já resolvido. Mas se lhe permitir ser vento, será enigma. Se não lhe permitir ser vento, perderá a voz, e passará a ser vibração em decibéis manipuláveis. Será mudo. Mas agora, nesta noite em que cerca minha casa com fúria desesperada, o vento fala. Porque estou disposto a ouvi-lo".⁵

O físico de hoje vai admitir que se sente obrigado a abandonar a descrição causal, cedendo

do à descrição *casual* do mundo; reconhece a impossibilidade de fixar, deterministicamente, a opção efetiva do trajeto a percorrer. Aceita os pontos de bifurcação no espaço/tempo e na emergência da matéria, o que desfaz a unidade de exame chamada *cosmos*, impondo-se programa de ocorrências múltiplas causalmente desconectadas: não pode mais referir-se a um só mundo, se a sua descrição transfigura-se em múltiplas trajetórias compostíveis, em múltiplos universos. Em outras palavras, substitui-se um mistério por outro mistério: "Mas não é assim, semiautologicamente, sonambulescamente, que a ciência parece progredir, ao andar em voltas?"⁶ Voltas que remetem ao paradigma kantiano.

Para Kant, o conhecimento, abstraído de seu conteúdo, ou é histórico ou racional. Posto isto, aprender um sistema de filosofia configura contradição nos termos, já que ou se elabora um sistema a partir dos seus primórdios, ou só se pode apreender a história de um sistema dado em relação com outros sistemas. Aquele que compreende bem um sistema não passa da máscara de um homem que pensa; seu conhecimento, objetivamente racional, é, contudo, subjetivamente histórico, e não racional, já que a razão em si não construíra quaisquer princípios. Forma-se assim aquele que não vê adiante da escola, por toda a vida discípulo. Em consequência, não se poderia aprender Filosofia; apreende-se, no máximo, a história desta ou daquelas filosofias. Pode-se, sim, aprender a filosofar, o que é muito mais exigente.⁷

Aprender a filosofar implica processo que contém a história do pensamento, mas por ela não é contido. Se me perguntam, *duas gotas*

d'água podem ser a mesma?, não basta conferir como responderia cada filósofo ou cientista em cada momento histórico; as muitas respostas forneceria apenas muitas encruzilhadas entrelaçadas.

Porque posso responder afirmativamente, em nome da generalização: se duas gotas d'água não fossem a mesma, exigiriam que designasse cada uma por distinto termo, até o limite infinito, portanto absurdo, da chuva torrencial; logo, elas são a mesma. Todavia, também posso responder negativamente, em nome da experimentação e da indução: nenhuma teoria pode se considerar comprovada, apenas, comprovável; logo, é preciso conferir, gota a gota, se cada gota compreende-se dentro do modelo da primeira gota, de modo a permanecer considerando válida e verdadeira a demonstração.

Mas basta considerar o espaço e o tempo para responder (negativamente), já que, se dois corpos (ou duas gotas) não podem ocupar o mesmo lugar no mesmo momento, então eles só podem ser *dois*, isto é, só podem ser diferentes. A resposta exigiu portanto não só um texto (com duas palavras-gotas), mas algum contexto (o espaço/tempo).⁸

Antes, Leibniz teria preferido escapar da pergunta reservando-se apenas uma gota d'água que contivesse todo um pulsante universo, encerrando, por sua vez, gotas d'água e novos universos dentro delas. O princípio (ou o mito) da auto-semelhança facultava ver seres humanos minúsculos em cada espermatozóide, por exemplo - é o que nos diria Sterne (aproveitando para ironizar, entre parênteses, os filósofos).

The minutest philosophers, who, by the bye, have the most enlarged understandings (their souls being inversely as their enquiries), shew us incontestably, that the HOMUNCULUS is created by the same hand, - engender'd in the same course of nature, - endowed with the same loco-motive powers and faculties with us: - That he consists, as we do, of skin, hair, fat, flesh, veins, arteries, ligaments, nerves, cartilages, bones, marrow, brains, glands, genitals, humours, and articulations; - is a Being of as much activity, - and, in all sense of the word, as much and as truly our fellow-creature as my Lord Chancellor of England.

Os filósofos mais escrupulosos, que, a propósito, são os de mais amplo entendimento, (estando suas almas na razão inversa de suas indagações), mostram-nos, de modo incontestável, que o HOMÚNCULO é criado pela mesma mão, - engendrado pelo mesmo método natural, - dotado dos mesmos poderes e faculdades de locomoção que todos nós: - que ele consiste, como nós, de pele, cabelo, carne, baba, veias, artérias, ligamentos, nervos, cartilagens, ossos, tutano, glândulas, órgãos genitais, humores, e articulações; - é um Ser de tanta atividade - e, em todos os sentidos da palavra, tão verdadeiramente nosso semelhante quanto o Lorde Presidente da Câmara dos Pares da Inglaterra.⁹

Mas telescópios e microscópios forçaram novo princípio, às vezes menos engraçado: o de que cada mudança de escala provoca novos fenômenos. Os espermatozóides não são micro-humanóides; o fenômeno é outro, porque diverso.¹⁰

A distinção entre seres dos sentidos (*phaenomena*) e seres do entendimento (*noumena*) importa aqui. Cada gota de água (ou qualquer evento no cosmos que o contenha) difere das demais enquanto fenômeno, que só pode ser único, no mínimo, se únicas suas condições de ocorrência. A gota d'água, que nomeia por igual cada fenômeno, não existe a não ser enquanto conceito-limite, unicamente para cercar a pretensão da sensibilidade, de modo a que esta reconheça os seus limites e dê alguma condição ao entendimento.¹¹ Ora, quais são estes limites? Aqueles que nos impedem de conhecer todas as gotas de água do mundo, parece claro. Mas, o que é a verdade? - há como responder de vez à pergunta capital, de forma a usar a resposta no fundamento de toda e qualquer questão? Não.

Mesmo que se admita a verdade consistindo, de acordo com a tradição aristotélica, na concordância de um conhecimento com o seu objeto, este objeto dos outros distingue-se por suas condições de aparência, quer dizer, distingue-se como fenômeno. Abstraídas as condições que o permitiram aparecer, isto é, ser percebido pela sensibilidade, resta conceito construído circunstancialmente, portanto, historicamente - resta conceito datado, logo, provisório. Então, é impossível apresentar um índice suficiente e ao mesmo tempo universal da verdade.¹² A verdade, em si, não haveria; aconteceriam, sim, formas de perguntar, vale dizer, de construir cada pequena verdade - cada pequena gota de água. A pergunta é que precisa ser bem construída. Se a pergunta é mal construída, envergonha quem formula e atrapaalha quem escuta.¹³

Lemos, algures, sobre certo policial-personagem que desenvolvera método secreto e absolutamente eficaz de interrogatório - porque ele sabia não o que perguntar, mas *como* perguntar: "Pode-se interrogar qualquer pessoa, em qualquer estado; raramente são as respostas que fornecem a verdade, mas o encadeamento das perguntas."¹⁴

O policial era kantiano, como se pode depreender.

"Compreenderam que a razão só entende aquilo que produz segundo os seus próprios planos; que ela tem que tomar a dianteira com princípios, que determinam os seus juízos segundo leis constantes e deve forçar a natureza a responder às suas interrogações em vez de se deixar guiar por esta; de outro modo, as observações feitas ao acaso, realizadas sem plano prévio, não se ordenam segundo a lei necessária, que a razão procura e de que necessita. A razão, tendo por um lado os seus princípios, únicos a poderem dar aos fenômenos concordantes a autoridade de leis e, por outro, a experimentação, que imaginou segundo esses princípios, deve ir ao encontro da natureza, para ser por esta ensinada, é certo, mas não na qualidade de aluno que aceita tudo o que o mestre afirma, antes na de juiz investido nas suas funções, que obriga as testemunhas a responder aos quesitos que lhes apresenta".¹⁵

O lugar do discípulo é novamente desequilibrado por Kant, se não coaduna com o filosofar proposto. Porque: "só conhecemos a priori das coisas o que nós mesmos nelas pomos."¹⁶ Este *pôr a realidade* exige menos uma habilidade e menos, ainda, o conhecimento obediente, "máscara de homem"; antes, exige rigor fino com o sujeito e com o objeto, exatamente porque, aqui sim, não se trata de duas gotas de água; o sujeito subsume-se no fenômeno no qual flutua (antes de afundar) algum qualquer objeto percebido.

Mas: que sujeito? Procuramos para cada predicado de algo este algo, isto é, o sujeito que lhe pertence, percebendo ato contínuo que se trata, ele também, apenas de um predicado, do qual há um sujeito que procuramos sem o poder determinar, na direção do infinito (ou, mais próximo: do nosso limite). Segue-se que o limite atingido, entre os parênteses, nunca pode ser pensado como o sujeito último, se o entendimento só pode pensar discursivamente, quer dizer, mediante conceitos, portanto, mediante apenas predicados a que faltará sempre o sujeito absoluto. Logo, as propriedades pelas quais conhecemos os corpos, mesmo a impenetrabilidade, resumem-se a acidentes.¹⁷ De modo que podemos dizer eu penso, mas não: eu sou. Porque penso, logo: não sei. Ou, talvez: penso, logo: algo ali *resiste*.

Deleuze indica a superação do *cogito* cartesiano, resumindo-a com a fórmula poética de Rimbaud: *Je est un autre*. Eu "sou um outro", vale dizer, sou, antes, o que posso ser: minhas infinitas

virtualidades e alteridades. Aceitar a fórmula de Rimbaud é o primeiro passo para entender a necessidade antropológica da ficção e dos seus personagens, que existem para nos realizar, leitores, como *outro*. Esta necessidade – propriamente, a necessidade social do que não é, não existe – tem confundido cientistas, filósofos e demais pensadores.

Kant, por exemplo, entendia os *personagens* como criaturas da capacidade da imaginação – não pessoas, não sujeitos, mas tão-somente monogramas, traços isolados em meio a experiências várias. Chamava-os de ideais da sensibilidade, modelo de intuições empíricas possíveis, mas tão inatingíveis que não fornecem regra suscetível de expli-

“Wertwolle Bundesgenossen sind aber die Dichter, und ihr Zeugnis ist hoch anzuschlagen, denn sie pflegen eine Menge von Dingen zwischen Himmel und Erde zu wissen, von denen sich unsere Schulweisheit noch nichts träumen lässt. In der Seelenkunde, gar sind sie uns Alltagsmenschen weit voraus weil sie da aus Quellen schöpfen, welche wir noch nicht für die Wissenschaft erschlossen haben.”

Obriga-se a pôr os artistas muito além dos homens cotidianos, entre os quais se inclui, em especial no conhecimento da alma – da psiquê. O fundador da psicanálise namorava, humilde, o lugar do artista – como se não o fosse, de certos modos. Namoro semelhante, ou melhor, *cantada* semelhante, embora tanto mais agressiva, se excludente, manifestou Barthes na sua obra-síntese.

“Se, por não sei que excesso de socialismo ou de barbárie, todas as nossas disciplinas deveriam ser expulsas do ensino, exceto numa, é a disciplina literária que devia ser salva, pois todas as ciências estão presentes no monumento literário. É nesse sentido que se pode dizer que a literatura, quaisquer que sejam as escolas em nome das quais ela se declara, é absolutamente, categoricamente realista: ela é a realidade, isto é, o próprio fulgor do real. Entretanto, e nisso verdadeiramente enciclopédica, a literatura faz girar os saberes, não fixa, não fetichiza nenhum deles; ela lhes dá um lugar indireto, e esse indireto é precioso”.²¹

cação, ou, de exame.¹⁸ A construção de personagens é posta à parte pelo filósofo, como se não pudesse pensá-los, tampouco criticá-los, com o mesmo rigor com que pensa o sujeito. Compara, em outro momento, a natureza da obra de arte à natureza da causa suprema, entendendo que ambas lhe permanecem desconhecidas.¹⁹

Pouco mais de século depois, Freud também colocaria a obra de arte, em especial a dos literatos, em lugar próximo ao sagrado, com a diferença de que tenta encontrar na trama da criação literária fonte (de conhecimentos, supostamente inacessíveis de outro modo) e método (de investigação, paralelo ao esforço que, assim acredita, realizam os sonhos).

“Aliados cheios de valor são contudo os literatos e seu testemunho é para ser repicado como os sinos em elevação, pois costumam saber uma porção de coisas entre o Céu e a Terra das quais nossa sabedoria escolar ainda nada deixa chegar a sonhar. No conhecimento da alma estão muito além de nós, homens cotidianos, porque criam de fontes que ainda não abrimos para a ciência”.²⁰

Semelhante rendição ao fazer literário poderia revelar, talvez, um disfarce, na forma de curiosa armadilha política: no instante dos séculos em que a ciência se entronizaria no jogo dos saberes, far-se-ia necessário desvalorizar a arte, entronizando-a à parte – neutralizando-a. Caso esta hipótese tenha alguma lógica, Kant, Freud e Barthes estariam correndo o risco de atirarem pela culatra. Na preocupação louvável de valorizarem a literatura como espaço de enigma, de intriga legítima, capaz de *desfetichizar* os saberes, portanto de abalar toda hegemonia de discurso, terminam por emprestar-lhe o caráter... de discurso hegemônico.²²

Se este é o truque (perversidade quiçá do fascismo intrínseco à língua, pelo qual os falantes se deixariam, inadvertidamente, *falar*, como demonstrou o mesmo Barthes), a ficção não se abala e contra-ataca com o discurso de um de seus maiores Mestres (ainda que personagem), quando apresenta aos discípulos sua obra-prima – a propósito, desconhecida.

“Ao contrário dessa multidão de ignorantes que cuidam desenhar corretamente só porque dão um traço sem que lhes trema a mão, não marquei os rebordos da minha figura, mas fi-los ressaltar ate o mais ínfimo pormenor anatômico, porque o corpo humano não acaba em linhas. Nisso, os escultores estão mais próximos da verdade do que nós, já que a natureza compreende uma série de formas redondas que se encaixam umas nas outras. Para falar com rigor, o desenho não existe! Não rias, moço! Por mais singular que te pareça, lá chegará o dia em que compreenderás o que te estou a dizer: a linha é o meio pelo qual o homem se dá conta do efeito da luz sobre os objetos; mas não há linhas na natureza, como não há vazios, tudo esta cheio, está pejado, e é modelando que se desenha, quer dizer: que arrancamos as coisas do meio onde se encontram. Só a distribuição da luz dá a aparência ao corpo!”²³

O desenho, de fato e de direito, não existe, tal qual o desenhista. Existe o desenhar, assim como há mestria: perseguida. A perseguição à mestria, entretanto, encerra insegurança. Retirados do centro do universo, desconfiados da semelhança de Deus, admitimos, a duras penas, que o ser infelizmente não se encontra a nosso alcance, na gramática mera cópula de um juízo.²⁴

Então, o medo: inaugural.

A filosofia antiga, calcada na confiança e na segurança de si mesma, nasceria do paradigma guerreiro, enquanto que a filosofia moderna, calcada na dúvida e na cautela, estaria emergindo do paradigma burguês. Precisamente porque o burguês mostra-se aquela espécie de homem que não confia em si, preocupa-se em evitar os perigos, em precaver-se, reforçando as disciplinas da cautela: (a Economia e o Direito - por definição, parentéticas).

No criticismo kantiano contemplaríamos, portanto, gigantesca projeção da alma burguesa.²⁵ Porque não se pergunta mais o que seja a realidade, antes, como é possível o conhecimento da realidade. A mente dá as costas ao real e se (pre)ocupa de si mesma. Menos importa saber, sim saber se se sabe. Mais que: importa não errar.²⁶

Desta semente (brilhante) emerge também o positivismo, decidido a prever para prover. Mesmo que o pensamento de Kant não autorizasse o atalho, de vez que o futuro (assim como o passado) só poderia pertencer ao campo numeral, cada

qual recorta o que lhe apetece e constrói o seu próprio horror ao erro.

“De contemplativa, la razón se convierte en constructiva y la filosofía del ser queda integralmente absorbida por la filosofía del deber ser. Conocer no es copiar, sino, al revés, decretar. En vez de regirse el entendimiento por el objeto, es el objeto quien ha de regirse por el entendimiento. Consideraba Platón que el filósofo no es más que un *filotheamón*, un amigo de mirar. Para Kant, el pensamiento es un legislador de la naturaleza. Saber no es ver, sino mandar. La quieta verdad se transforma en imperativo. [...] Bajo su influjo, la vida, que era clásicamente una acomodación del sujeto al universo, se convierte en reforma del universo. La posición pasiva queda abolida y existir significa esforzarse”.²⁷

Põe-se de novo, pela diagonal, o sujeito no centro do universo. O medo consagra a *hybris*. Saber não é ver, sim: comandar. Esta força, no entanto, se veste de dúvida e de precaução; para conhecer algo, antes é preciso saber se se pode e como se pode conhecer. Desde Descartes, toda filosofia acha que precisa começar por uma teoria do método: “presentimos que la mejor manera de nadar consiste en guardar la ropa.”²⁸

À medida em que conhecer torna-se decretar, desenvolve-se um paradoxo. A insegurança do ex-guerreiro, sem armas e então burguês, o leva a forjar seu próprio universo, de modo a, irremissivelmente, submeter-se. Se no século XVIII a saga de Robinson Crusoe pareceria verossímil, no século XX, com o progresso alucinado da espécie, configura absurdo maior do que o dos *videogames*. Nenhum habitante deste tempo sobreviveria sozinho naquela ilha deserta. Acompanha o aumento desmesurado do poder da espécie (a ponto de ser capaz de exterminar a si mesma algumas dezenas de vezes), em razão inversa, a diminuição do poder de cada cidadão sobre seu menor destino. Em outras palavras: “para nadar, eu preciso primeiro guardar a roupa; depois, procurar a torre do salva-vidas.”

“El hombre antiguo parte de un sentimiento de confianza hacia el mundo, que es para él, de antemano, un Cosmos, un Orden. El moderno parte de la desconfianza, de la suspicacia, porque Kant tuvo la genialidad de confesarlo con todo rigor científico - el mundo es para él un Caos, un Desorden”.²⁹

Ainda assim: é possível ordenar este Caos? Perguntando de outra maneira: há ordem, ainda que outra, no Caos?

Quando Heisenberg formulou, em 1926, o *princípio da incerteza* da mecânica quântica, definiu cunha mesmo semântica no fundamento da ciência, reconhecendo, experimentalmente, que, quanto mais precisamente se tentasse medir a posição de uma partícula, menos precisamente se poderia medir sua velocidade, e vice-versa; isto porque o procedimento para se obter a medição implicava projetar luz sobre a partícula, luz esta que mudava a sua velocidade de forma não previsível.

Princípio equivalente se tornou fundamental para a meteorologia, se ela, por razões basicamente econômicas, precisava se dedicar a prever o tempo (no) futuro. Edward Lorenz chamou-o de *Efeito Borboleta*, ou: “dependência sensível das condições iniciais”.³⁰ Segundo tal efeito, pequenas condições, tomadas por iniciais, poderiam gerar outras que gerariam outras, em processo humanamente impossível de descrever, ou pior, de prever continuidade, se qualquer pequena condição iniciaria alguma variável que, por sua vez... Como se o bater das asas de uma borboleta na Amazônia fosse produzindo modificações minúsculas no tempo ao redor, modificações estas que produziriam outras menos minúsculas, até que se desse um tornado na América do Norte.

Analogamente, pequenas perturbações no trajeto diário de uma pessoa podem trazer (ou não) graves conseqüências; podem determinar sua morte (ou, todo o contrário, sua salvação), se ela se abaixar para amarrar um cadarço e, minutos depois, no tempo exato, um suicida (ou um vaso de flores) despencar do décimo andar do prédio na sua cabeça (ou bem na sua frente) – justo *porque* o cadarço desamarrou.

O mito romântico do *dom*, encabeçado pela estatueta de Mozart, pode se perceber reforçado pela dificuldade de aceitar o Efeito Borboleta. Já que se dá humanamente impossível acompanhar todos os movimentos do ar derivados da batida das asas de todas as borboletas, quer dizer, se não há como, nem com toda a psicanálise, reconstruir os micro-eventos da vida do sujeito que o tenham levado a escolher esta arte, e não outro ofício, este verso, e não aquele parágrafo (que não se sabe, que não houve), forja-se logo a cau-

sa primeira e suficiente, doada por divindade ou por musa. Dentro da mesma perspectiva, que precisa de respostas, que recusa pensar desamarra-do de fim ou de finalidade, que recusa pensar mergulhado no vórtice de atratores caóticos, psicologiza-se a arte para atribuir-lhe, enfim, razão de ser: desvelar os véus supostos do real e dos sujeitos.

Os exemplos que reforçam a importância da dependência sensível das condições iniciais ajudam a explicar por que duas gotas de água não sejam a mesma, e mais: por que todos os flocos de neve são diferentes. Os cristais do gelo formam-se no ar turbulento fundindo simetria (ordem) e acaso (caos), na beleza específica da indeterminação sêxtupla. Simetria molecular natural dá preferência a seis direções de crescimento, mas as micro-condições externas do tempo e do espaço levam cada floco a criar desenho único. Quando um deles cai à terra, flutuando no vento por hora ou mais, as escolhas feitas pelas pontas dependem sensivelmente da temperatura, da umidade e das “impurezas” da atmosfera. O floco final registra a história de todas as variáveis encontradas, diversas por milímetros e por frações de segundo dos flocos vizinhos. O coração deste modelo de floco de neve é da essência do caos: delicado equilíbrio entre forças de estabilidade e forças de instabilidade, interagindo escalas atômicas e escalas cotidianas.³¹

Quanto mais se conhece e se investiga, mais largo se torna o campo do que se possa desconhecer - parece acaciano. Isto que se pode, a contragosto, enunciar como princípio (e paradoxo) científico, não estranharia a Kant: A ciência da natureza “jamais nos revelará o íntimo das coisas, isto é, o que não é fenômeno, podendo, no entanto, servir de princípio supremo de explicação para os fenômenos.”³² Reconhecendo, no mundo, caos, o ser pode lutar para explicá-lo até o que lhe for possível, até onde este mundo lhe aparecer. Só não pode explicar o íntimo das coisas, muito menos, o futuro destas coisas, de vez que “o que não se vê” e “o que ainda não é” não podem estar contidos, por definição, na ordem do fenômeno.

A resposta de Leibniz à experiência do asno de Buridan é emblemática. Colocado perfeito asno entre dois pastos perfeitamente equivalentes, ele morreria de fome, porque seria incapaz

de escolher entre um ou outro. Ora, mesmo que os dois pastos fossem estritamente equivalentes; mesmo que o plano que separasse os pastos passasse pelo meio do asno com rigorosa simetria; mesmo assim, mínimas percepções subliminais impediriam a morte do asno – “algo” aconteceria que provocaria a sua decisão. Bastaria mosquito fazendo barulhinho a três quilômetros do lado esquerdo para quebrar o precário equilíbrio.³³

Quando o filósofo se debruça, no máximo contorcionismo possível, sobre a espécie humana, não consegue conter certa indignação quando vê, a despeito de esporádicas emergências de sabedoria, um largo tecido de loucura, vaidade, maldade e ânsia. Deste modo, só encontra uma saída, qual seja a de admitir alguma intenção da natureza no absurdo trajeto das coisas humanas. Intenção do tipo *como se*: como se no homem as disposições naturais que visassem ao uso da sua razão devessem desenvolver-se integralmente só na espécie, e não no indivíduo.³⁴

A *intenção* da natureza, ainda que reservada ao campo numenal, aponta para a necessidade complicadora, da qual ainda não pudemos escapar, da antropomorfização do resto, quer Natureza, Deus, ou Universo. O que quer que aconteça e apareça, qualquer que seja o fenômeno, derivaria não só de uma causa, mas de uma intenção (de algo) como causa: por exemplo, os pássaros fazendo ninhos para neles guardarem os ovos. Neste caminho, é forçosa a presunção de que os rios se movam para o mar (os rios teriam decidido assim, em congresso imemorial). No entanto, a água dos rios talvez se mova naquela ou nesta direção de acordo com a natureza do terreno em cada ponto, sem qualquer ligação com o que encontrará a seguir. Do mesmo modo, o Sol não faz com que os planetas girem

cabisbaixos à sua volta; eles movem-se da maneira como o fazem por ser a mais fácil, ou seja, a que envolve a menor ação.³⁵

Por esta ótica, o fenômeno “rio” aconteceria na resistência que termina por exercer aos acidentes do seu percurso, assim como o vento, ao entrar numa biruta no campo de aviação, fica preso e produz algum sinal, ou signo: contra sua vontade, a energia, por sua vez, termina por produzir e produzir-se, como o diabo na história medieval. A natureza, ao emaranhar-se *contra a sua vontade*, produz beleza.³⁶

Na deriva apresentada, o saber científico já pode admitir-se “auscultação poética da natureza”, no dizer de Prigogine, abrindo mão, promissoramente, das ilusões de hegemonia. Sem perder seu lugar, reconhece outros lugares de *fazer verdade*.³⁷ Não se trata de indistinguir os lugares, trocando os pólos positivo e negativo. O cientista não é o sacerdote moderno, representante do Cosmos na Terra, assim como o artista não é o gênio da raça, representante da Musa entre meros mortais insensíveis. O cientista é um homem; o poeta é um homem; ambos, meros mortais, por ventura, sensíveis - pouco mais, pouco menos.

No afã de estabelecer causas suficientes, antropomorfiza-se o Universo (pluriverso?; multiverso?) e procuram-se intenções (ainda que ocultas) da natureza. No entanto, os fenômenos, bem como os textos (complexos fenômenos, que só se realizam quando lidos, interagindo fenomenicamente), se dariam contra alguma qualquer “vontade”, propriamente se, e somente se, resistem.

Quando se recorta, ou se afaga, o veludo capaz de resistir mais ainda do que o vazio.

“Vous dites que vous voulez essayer, pleurer là, à cet endroit-là du monde. Elle sourit, elle demande: Vous voudriez aussi de moi? Vous dites: Oui. Je ne connais pas encore, je voudrais pénétrer là aussi. Et aussi violemment que j’ai l’habitude. On dit que ça résiste plus encore, que c’est un velours qui résiste plus encore que le vide. Elle dit qu’elle n’a pas d’avis, qu’elle ne peut pas savoir.”

“Você diz que você quer experimentar, chorar ali, nesse lugar ali do mundo. Ela sorri, ela pergunta: Você quer também a mim? Você diz: Sim. Eu não conheço ainda, eu queria penetrar também ali. E o tão violentamente quanto costume. Dizem que isso resiste ainda mais, que é um veludo que resiste mais ainda que o vazio. Ela diz que não tem opinião, que não poderia saber”.³⁸

Notas

- 1 Shelley, *Frankenstein*, 120.
- 2 Conferir o título original do livro de Philip K. Dick, base do filme de Ridley Scott: *Do androids dream of electric sheep?*
- 3 Shelley, *Frankenstein*, p.7.
- 4 Flusser, *Natural:mente*, p.123.
- 5 Flusser, *Natural:mente*, 107.
- 6 Novello, *Cosmos e contexto*, 133-5/119.
- 7 Kant, *Crítica da razão pura*, p.864-5.
- 8 Kant, *Crítica da razão pura*, 328: “É certo que, se conheço uma gota de água como uma coisa em si, em todas as suas determinações internas, não posso considerar nenhuma gota diferente de outra se o conceito daquela for idêntico ao desta. Se, porém, a gota de água é um fenómeno no espaço, tem o seu lugar não apenas no entendimento (entre conceitos), mas também na intuição sensível externa (no espaço) [...]. A diversidade dos lugares, já de si, torna não só possível, mas mesmo necessária, a multiplicidade e a distinção dos objectos como fenómenos.”
- 9 Sterne, *Tristram Shandy*, 2; tradução de José Paulo Paes, 48.
- 10 Gleick, *Caos*, 109.
- 11] Kant, *Crítica da razão pura*, 306/311.
- 12 Deleuze, em *Dossier Deleuze*, 21: “Não existem universais, somente singularidades. Um conceito não é um universal, mas um conjunto de singularidades, onde cada uma se prolonga até a vizinhança da outra.” Ainda, Alain Badiou, *Manifesto pela filosofia*, 44: “Se a verdade fez furo no saber, se portanto não há saber da verdade, mas somente produção de verdades, é que pensada matematicamente em seu ser - logo como multiplicidade pura - uma verdade é genérica, subtraída a qualquer designação exata, excedentária com relação ao que esta permite discernir.”
- 13 Kant, *Crítica da razão pura*, 82-3.
- 14 Pennac, *A fada carabina*, 76.
- 15 Kant, *Crítica da razão pura*, XIII.
- 16 Kant, *Crítica da razão pura*, XVIII.
- 17 Kant, *Prolegómenos a toda a metafísica futura*, 119.
- 18 Kant, *Crítica da razão pura*, 598.
- 19 Kant, *Prolegómenos a toda a metafísica futura*, 155.
- 20 Sigmund Freud, com tradução de Wilson Chebabi, em *Os contrapontos da literatura*, 102.
- 21 Barthes, *Aula*, 18.
- 22 Conferir a crítica de Costa Lima a Barthes, sintetizada pela pergunta que encontramos em *O controle do imaginário*, 124: “Mas que assim fazemos senão manter a separação maniqueísta entre ciência e literatura, cuja consequência é continuarmos na ignorância de uma e de outra?”
- 23 Balzac, *Uma paixão no deserto & A obra-prima desconhecida*, 52; conferir, ainda, com cuidado e tempo, o filme de Jacques Rivette, baseado no conto de Balzac: *La belle noiseuse* - traduzido no Brasil como *A bela intrigante*.
- 24 Kant, *Crítica da razão pura*, 626: “Ser não é, evidentemente, um predicado real, isto é, um conceito de algo que possa acrescentar-se ao conceito de uma coisa; é apenas a posição de uma coisa ou de certas determinações em si mesmas. No uso lógico é simplesmente a cópula de um juízo. A proposição Deus é onipotente contém dois conceitos que têm os seus objectos: Deus e onipotência; a minúscula palavra, é, não é um predicado

mais, mas tão-somente o que põe o predicado em relação com o sujeito.”

- 25 Ortega Y Gasset, *Kant. Hegel. Dilthey.*, 13: “Esta relación que apunto entre la filosofía de Kant y el capitalismo burgués no implica una adhesión a las doctrinas del materialismo histórico. [...] No digo, pues, que la filosofía crítica sea un efecto del capitalismo, sino que ambas cosas son creaciones paralelas de un tipo humano donde la suspicacia predomina.”
- 26 Ortega Y Gasset, *Kant. Hegel. Dilthey.*, 12/7.
- 27 Ortega Y Gasset, *Kant. Hegel. Dilthey.*, 36-7.
- 28 Ortega Y Gasset, *Kant. Hegel. Dilthey.*, 8.
- 29 Ortega Y Gasset, *Kant. Hegel. Dilthey.*, 10.
- 30 Apud Gleick, *Caos*, 18-20/29/63; o trabalho de Lorenz, conferência pronunciada na S.A.P.C., em 1979, trazia por título: “Predictability: Does the Flap of a Butterfly’s Wings in Brazil Set Off a Tornado in Texas?” Conferir ainda Serres, *O contrato natural*, 29, que atribui a Swift a idéia do efeito borboleta: “Fisicamente nulo, animal pensante afogado entre espécies mais bem adaptadas, o indivíduo ou o ser-aí obtém tanto efeito no mundo global quanto a borboleta, cujo bater de asas num deserto da Austrália, escreveu Swift, repercutirá nas pradarias da verde Erin, amanhã talvez, ou dentro de duzentos anos, sob a forma de temporal ou de brisa acariciante, segundo o acaso. O ego do cogito tem o mesmo poder e a mesma causalidade ou alcances longínquos que esta asa fremente de lepidóptero; o estridulo dos élitros de um grilo equivale ao pensamento. Equipotente em relação a esta escala de acontecimentos: nem mais, nem menos.”
- 31 Gleick, *Caos*, 296-9.
- 32 Kant, *Prolegómenos a toda a metafísica futura*, 146.
- 33 Stengers, *Quem tem medo da ciência?*, 56-7.
- 34 Kant, no artigo “Idéia de uma história universal com um propósito cosmopolita”, de 1784, em *A paz perpétua e outros opúsculos*, 23/28: “O papel dos homens é, pois, muito delicado. Não sabemos qual é a constituição dos habitantes dos outros planetas e qual a sua índole; mas se cumpríssemos bem esta missão da Natureza, poderíamos gloriar-nos de ocupar, entre os nossos vizinhos do edifício cósmico, um posto não pequeno. Talvez entre eles cada indivíduo consiga atingir plenamente o seu destino durante a sua vida. Connosco, as coisas passam-se de modo diverso; apenas a espécie pode aspirar a isso.”
- 35 Russel, *Abc da relatividade*, 162.
- 36 Otto Rössler, *apud* Gleick, *Caos*, 143.
- 37 Prigogine, *O nascimento do tempo*, 13.
- 38 Duras, *La maladie de la mort*, 9-10; tradução de Jorge Bastos.

Bibliografia

- BADIOU, Alain. *Manifesto pela filosofia*. Versão de M.D. Magno. Rio de Janeiro: Aoutra, 1991.
- BALZAC, Honoré de. *Uma paixão no deserto & A obra-prima desconhecida*. Tradução de Jorge Reis. Lisboa: Difel, sd.
- BARTHES, Roland. *Aula*. Tradução de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Cultrix, sd.
- COSTA LIMA, Luiz. *O controle do imaginário: razão e imaginação nos tempos modernos*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1989.
- DICK, Philip K. *O caçador de andróides*. Tradução de Ruy Jungman. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1989.

- DURAS, Marguerite. *A doença da morte*. Tradução de Jorge Bastos. Rio de Janeiro: Taurus, 1984.
- ESCOBAR, Carlos Henrique de (org.). *Dossier Deleuze*. Tradução de Andréa Estevão e outros. Rio de Janeiro: Hólon, 1991.
- FLUSSER, Vilém. *Natural: mente: vários acessos ao significado de natureza*. São Paulo: Duas Cidades, 1979.
- GLEICK, James. *Caos: a criação de uma nova ciência*. Tradução de Waltencir Dutra. Rio de Janeiro: Campus, 1990.
- KANT, Immanuel. *A paz perpétua e outros opúsculos*. Tradução de Arthur Morão. Lisboa: Edições 70, 1990.
- KANT, Immanuel. *Crítica da razão pura*. Tradução de Manuela Pintô dos Santos e Alexandre Fradique Morujão. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1989.
- KANT, Immanuel. *Prolegômenos a toda a metafísica futura*. Tradução de Arthur Morão. Lisboa: Edições 70, 1982.
- KHÉDE, Sonia Salomão (org.). *Os contrapontos da literatura*. Petrópolis: Vozes, 1984.
- NOVELLO, Mário. *Cosmos e contexto*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1988.
- ORTEGA Y GASSET, José. *Kant. Hegel. Dilthey*. Madrid: Revista de Occidente, 1958.
- PENNAC, Daniel. *A fada carabina*. Tradução de Paula Rosas. Rio de Janeiro: Imago, 1990.
- PRIGOGINE, Ilya. *O nascimento do tempo*. Tradução de João Gama. Lisboa: Edições 70, 1991.
- RUSSELL, Bertrand. *Abc da relatividade*. Tradução de Augusto Fernandes. Lisboa: Europa-América, 1969.
- SAGAN, Carl. *Cosmos*. Tradução de Angela do Nascimento Machado. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1982.
- SERRES, Michel. *O contrato natural*. Tradução de Beatriz Sidoux. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1991.
- SHELLEY, Mary. *Frankenstein*. Tradução de Mário Martins de Carvalho. Lisboa: Editorial Estampa, 1972.
- STENGERS, Isabelle. *Quem tem medo da ciência?* Tradução de Eloísa de Araújo Ribeiro. São Paulo: Siciliano, 1990.
- STERNE, Laurence. *A vida e as opiniões do cavalheiro Tristram Shandy*. Tradução de José Paulo Paes. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- STERNE, Laurence. *Tristram Shandy*. New York: Norton, 1980.

Abstract:

The following article presents the nature of the individual and of materia, considering its constitution and its discourse. The sources and forms of knowledge are also discussed, having in mind philosophical questions and interpretations given by Kant, Deleuze and Barthes. Furthermore, the interaction between scientist and artist is described in opposition to the every-day man. In this context the text describes the concept of the Butterfly Effect, which explains in one way the social relationship between individuals, a attempt to desmistify the true intentions of nature and its beings.

Keywords: narrow connections, Theory of Literature and Theory of Knowledge.